

Daqui a dias Portugal vai, segundo parece, defrontar outra nação num desafio de futebol. O caso em si nada tem de extraordinário. Vinte e dois homens aos pontapés numa bola não é, de-facto, coisa de espantar nestes bons tempos que vivemos. De resto o público aplaude, delira, dir-se-ia que um gôzo profundo e único lhe põe em vibração as mais renitentes fibras do ser. E como o público sagaz troca essa alegria magnífica pelo dinheiro do seu bolso, só há que olhá-lo com respeito e felicitá-lo por trazer notas na carteira e felicidade no peito.

Os jogadores lusos vão, pois, defrontar os jogadores de outro qualquer país, não interessa qual, para o campeonato mundial do biqueiro. Que vão e que o santo patrono desta modalidade desportiva os não perca de vista em alguma dessas estações onde se muda de combóio. A nossa simpatia cá os ficará seguindo através da valorosa aventura.

E ficará com as mãos cheias de louros, se regressarem triunfantes, e as algibeiras repletas de batatas, no caso das suas botas sem perícia lançarem no brio pátrio a nódoa duma derrota. Porque isto é assunto sério. É quasi um assunto de vida ou de morte — e para êle humildemente chamamos a atenção dos senhores jogadores. De Melgaço a Vila Real de Santo António o país tem os olhos pregados nesses onze bravos. Não come, não pensa, não respira. Olha-os, namora-os, treme. O seu desejo seria dar-lhes a resistência lendária dos gigantes, a destreza dos clowns e a inteligência apurada dos deuses. Realmente nós não atingimos bem a razão desta ansiedade e dêste receio. Mas o certo é que existem. A imprensa já deu o sinal de rebate — já discorreu sobre a necessidade de engrandecer a pátria, de fazer luzir a pátria entre as de mais nações. Até aqui sempre julgámos que os povos se impunham pela sua arte, pela sua literatura, pelo seu pensamento. Afinal enganava-mo-nos redondamente. O que lhes dá brilho não são as ideias, é a habilidade com que atiram pontapés num esférico de coiro. E não tardará muito, talvez, que os trabalhos de Einestein ou Broglie, os quadros de Goya ou Rembrant, a música de Beethoven e os livros de Flaubert ou

Eça, vejam os seus méritos aferidos pelo número de goals que os seus autores tenham marcado.

### Sobre futebol — II

Aqui esta uma verdade bem triste: os campos de jogos de futebol metamorfosearam-se em campos de batalha. Que os doutos jornais que tratam da especialidade, sem esquecer os conspícuos órgãos informativos, nos não esmaguem com os protestos veementes da sua cólera. Mas, se o fizerem, que ao menos se lembrem que nós conhecemos a transformação, lamentável a todos os títulos, através dos seus relatos tão coloridos, tão profundos e, naturalmente, tão verídicos.

Desconhecemos as causas que influíram na mudança. Entretanto ela parece-nos bem grave. Sobretudo por temermos que esses lugares, destinados segundo cremos a fortalecer a harmonia entre os homens e a servir de fonte de sãs alegrias, surjam de um dia para outro transformados naqueles circos romanos, de medonha lembrança, em que os degladiadores se matavam ferozmente ao compasso dos gritos jubilosos da assistência. Porque os sentimentos das mássas que acorrem a presenciar estas pugnas, parecem enveredar, ruidosamente e gulosamente para as coisas do passado. E daí, em vez de lealdade e compostura nos jogadores, lhe reclamarem a pele e o sangue.

Ora, comprovado que nem os trabalhadores da bola nem o público que os vai incitar estão educacionalmente preparados para semelhantes andanças, propomos o seguinte: que esses campos sejam fechados e em seu lugar se edifiquem escolas onde os adeptos do futebol e os seus praticantes vão aprender a melhor maneira de deixarem de ser feras. Depois, quando as suas portas se voltarem a franquear aos apaixonados do chute, faça-se isto, ainda: exija-se à entrada, a cada pessoa, uma certidão em que prove ter frequentado com aproveitamento a referida casa de ensino. Não nos parece demasiada a certidão, quando para se entrar em muitos lugares públicos, alguns cafés, por exemplo, é indispensável a gravata,

### Coisas da Imprensa

A-quando da Grande Guerra, a imprensa mundial foi dada a uma singular e perniciosa febre de publicidade exaltada e deturpada, que certos franceses muito bem definiram por «bourrage des crânes». O facto adquiriu tamanho vulto e teve um papel tão importante no decorrer dos acontecimentos dessa época, que Jean Galtier-Boissière lhe dá especial relêvo na sua História Secreta da Guerra. Não nos referimos aos subornos a que se submeteram muitos conspícuos jornais franceses, que levaram o povo de França a tomar num bom sentido certos actos da sua politica exterior de antes da Guerra. Nem aos «trucs» hábeis com que a diplomacia interessada pagava muitas dedicações à sua «causa santa». Isso é tão conhecido e tão longo de historiar que seria enfadonho referi-lo aqui. Lembremos apênas as deturpações propositadas, durante o decorrer do trágico conflito, a-fim-de mais incendiar a fogueira dos ódios e dividir e extremar os campos adversos. O que se passava era, por si mesmo, aterrorador e brutal, a ponto de os exageros não serem necessários para denominar de horrível o que horrível era. Mas, por um lado, exploravam-se os estragos dos exércitos alemães atravessando a Bélgica e, por outro, se fazia vêr em cada mulher belga a megera violenta que arranca olhos ao soldado que chega... Os números de mortos propositadamente eram multiplicados, as vitórias — as suas — e as derrotas — só para os adversários. Foi tamanho o engano geral, o ludíbrio pavoroso que, quando passou a tormenta, fez-se necessário àquêles que ficaram esfregar muitas vezes os olhos, como quem tem de por uns momentos fixar o sol. Assim trabalhavam os interessados as massas humanas, fazendo delas os pobres joguetes de frases exaltadas e perniciosas — num «bourrage des crânes» de conseqüências péssimas.

### Coisas sérias

As cartas politico-geográficas dos três continentes es'ão a passar por tantas transforma-

ções que em boa verdade já ninguém confia muito do que elas com as suas legendas, as suas côres, os seus traços negros a separar as nações nos dizem. Os mapas caminham para o descrédito, eis a certeza amarga. Por ora são apenas os maiores de quatorze anos que os olham com desconfiança, que encolhem os ombros e riem um riso céptico. Mas amanhã serão os menores de dez que lhe deitam a lingua de fora e os achincalham com alarido. E esses pobres mapas passarão a ter o destino penoso das folhinhas que nos preveem os dias de chuva e os dias de sol. Isto é, passarão a ter a única scrventia de nos provocarem uma gargalhada. E isto é mau. Porque se uma gargalhada revela muitas vezes um espirito bem disposto, outras mostra apenas o escárneo, quando não esconde o tédio e a repulsa. Por outro lado isto de entrar na casa do visinho e sem mais nem menos despechar-lhe em voz forte: «a tua choupana, amigo, agrada-me, e por tal motivo tomo-a para mim» — abre precedentes pouco tranquilisadores. Se não é ver-se. A Itália absorveu a Etiópia e logo o Japão quis absorver a China; a Alemanha absorveu a Austria e imediatamente a Polónia lhe tentou seguir as pisadas. E é possível, bem possível, que outros países meditem nesta hora desequilibrada a maneira mais nobre de ensaiar gesto semelhante. Não sendo pois de estranhar que amanhã, na aula de geografia, se passe um diálogo nestes termos entre os alunos e o professor:

— Dá-me licença de fazer uma pergunta, senhor fulano?

— Oh! quantas quizer, meu caro discípulo.

— O meu companheiro A afirma que o estado B perdeu a independência. E' verdade?

— Não posso responder-lhe. Espanto na sala.

— Quê, pois V. Ex.<sup>a</sup> com curso de bacharel...!

O mestre enfia. Depois, tocando a campainha, atira ao continuo que acorre:

— Vá já ver, já, já, aos placards, as nações que ainda conservam o nome.

E para disfarçar a sua ignorância, limpará os óculos.